

O “BRASILEIRO” COMO TIPO PORTUGUÊS: O USO DE UM ESTEREÓTIPO CULTURAL NA REFLEXÃO SOBRE A SOCIEDADE PORTUGUESA EM AS FARPAS (FEVEREIRO DE 1872)

THE “BRAZILIAN” AS A PORTUGUESE TYPE: THE USE OF A CULTURAL STEREOTYPE IN THE THOUGHT ABOUT THE PORTUGUESE SOCIETY IN “AS FARPAS” (FEBRUARY 1872)

Rômulo de Jesus Farias BRITO*

Palavras-Chave: Neste artigo, é realizada a análise de um texto produzido por Eça de Queiroz acerca do “brasileiro”, presente na edição de fevereiro de 1872 da publicação *As Farpas*, a fim de compreender como o autor utiliza este personagem-tipo na reflexão sobre a sociedade portuguesa. O “brasileiro” constituiu-se em um estereótipo cultural existente no imaginário social e na literatura portuguesa do século XIX. Partindo da hipótese de que o emprego do “brasileiro” neste documento está perpassado por uma profunda reflexão acerca da identidade portuguesa, no qual o autor fez uso das relações culturais luso-brasileiras, este trabalho analisa os usos desta expressão neste escrito de Eça de Queiroz.

Palavras-Chave: Relações luso-brasileiras, História de Portugal, Eça de Queiroz, Personagem-tipo.

Abstract: In this article, it's done an analysis of a text produced by Eça de Queiroz about the "brazilian", present in the February 1872 edition of the publication *As Farpas* in order to understand how the author uses this character-type in the thought about portuguese society. The "brazilian" consisted in an existing cultural stereotype in the portuguese social imaginary and literature of the nineteenth century. Assuming that the use of "brazilian" in this document is permeated by a deep reflection on the Portuguese identity, in which the author made use of the luso-brazilian cultural relations, this paper analyzes the uses of that term in this written of Eça de Queiroz.

Keywords: Luso-brazilian relations, History of Portugal, Eça de Queiroz, Stock character.

Introdução

Neste tempo, aconteceu chegar ao convento a notícia de ter aparecido em Barrosas um brasileiro muito rico, procurando novas de uma irmã que deixara, quando, em criança, fora para a América. (...) E, quinze dias depois, o brasileiro, chorado e lamentado dos amigos, embarcava em um dos seus navios, aprofundando às praias de Santa Cruz (...). A colônia de brasileiros portuenses longo tempo chorou a sorte dura de Fialho.

Camilo Castelo Branco – *Os brilhantes do Brasileiro*, 1869.

Deslocado do contexto de sua narrativa, um breve olhar sobre estes trechos da obra de Camilo Castelo Branco conduziria o leitor a algumas aparentes incoerências em

* Mestre em História - Doutorando - Programa de Pós-graduação em História - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – PUC-RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Campus Central, CEP: 90619-900, Porto Alegre, Rio Grande do Sul - Brasil. Bolsista CAPES. Email: romulojfbrito@hotmail.com

certas caracterizações. Dentre estas, a expressão “brasileiros portuenses” talvez seja a mais estranha, confundindo adjetivo e substantivo ao falar de brasileiros nascidos em Porto, Portugal. As contradições existentes neste segmento se desfazem, no entanto, com a percepção de que a descrição não se refere a um indivíduo natural do Brasil, mas a uma das mais conhecidas personagens-tipo da literatura e do imaginário português ao final do século XIX.

O termo “brasileiro”, empregado originalmente para designar o indivíduo nascido em território brasílico, passou a ganhar em Portugal outro significado no decorrer dos Oitocentos (CESAR, 1969, p.18), quando o Brasil já se encontrava independente politicamente de sua outrora metrópole. Gradativamente, a expressão começou a ser utilizada em referência ao chamado português “torna-viagens”, ou seja, o indivíduo que partira para o Brasil em busca de melhores condições de vida e acabava por retornar ao país de origem,

É notável que o trânsito de portugueses em direção ao território brasileiro para exercer diversas ocupações, dentre as quais o trabalho na lavoura, mineração, imprensa periódica e comércio, se tornou cada vez mais frequente desde o período colonial, permanecendo em crescimento mesmo após a emancipação política. Anos após sua partida, alguns destes viajantes, obtendo ou não sucesso em sua empreitada, retornavam a Portugal. Durante o Oitocentos, este português, o outrora emigrado para o Brasil, começou a ser visto por seus conterrâneos de forma estereotipada como o “brasileiro” (MACHADO, 2005, p.48), um indivíduo cujos hábitos, resultantes de um amálgama entre os costumes portugueses e suas experiências no Brasil, gerariam estranhamento em seus compatriotas. A difusão e consolidação desta figura no imaginário social português pode ser observada a partir do número de referências encontradas na literatura portuguesa ao final do século XIX. O “brasileiro” tornou-se uma personagem recorrente em diversas narrativas literárias produzidas em território luso naquele períodoⁱ, além de objeto de numerosas análises recentes, oriundas especialmente dos estudos literários.

Dentre os textos de autoria portuguesa que traziam o “brasileiro” como eixo temático ou personagem de uma narrativa, um dos mais conhecidos, especialmente devido à notoriedade de seu autor em ambos os lados do Atlântico, é o escrito produzido por Eça de Queiroz que integrou a edição de fevereiro de 1872 do periódico *As Farpas*. Nesta publicação mensal, projeto conjunto de Eça e Ramalho Ortigãoⁱⁱ, eram realizadas várias crônicas satíricas sobre o cotidiano português em suas diversas esferas, da política à produção literária. A edição citada possuía, entretanto, uma importante

peculiaridade. Suas 96 páginas foram inteiramente dedicadas a analisar aspectos da primeira viagem realizada por D. Pedro II em Portugal, sendo iniciadas pelo título “Fastos da peregrinação de Sua Majestade Imperador do Brasil por estes reinos”.

Nesta obra, os autores realizaram uma extensa narrativa sobre a passagem do monarca pelo continente europeu. Com um texto em forma de carta direcionada diretamente a D. Pedro II, foram abordados temas como o comportamento do Imperador, particularidades da sociedade portuguesa oitocentista, os preparativos oficiais para a recepção, dentre outros tópicos (BRITO, 2013). Apenas o escrito de Eça de Queiroz ao final da obra parecia, aparentemente, destoar da temática central, dedicando-o à abordagem exclusiva da figura do “brasileiro”.

Tal escrito já foi objeto de análises que abordaram sua composição a partir das relações culturais e literárias luso-brasileiras ou focaram sobre a polêmica gerada no Brasil a partir de sua leitura, que teria originado protestos contra o autor e a comunidade portuguesa no país. Em seus distintos enfoques e propostas, tais estudos acabam, entretanto, por não relacionar a produção deste texto de Eça de Queirós ao processo de questionamento que ocorria em Portugal no período.

Para a reflexão pretendida aqui, é fundamental a constatação de que sua publicação se deu em um momento de grande contestação das estruturas políticas e culturais de Portugal por parte de um grupo de intelectuais que ficou conhecido como “geração de 70” ou “geração nova”, dentre os quais estavam Antero de Quental, Oliveira Martins, Teófilo Braga, assim como os próprios Eça e Ramalho. Os indivíduos ligados a este grupo tinham como eixo comum, apesar de algumas divergências entre suas influências teóricas e preferências políticas, a concepção de que o país passaria por uma profunda “decadência” enquanto nação (PIRES, 1992, p.23) e que mudanças se faziam urgentemente necessárias, tomando especialmente a Europa transpirenaica como referência (CALAFATE, 2006, p.13).

A defesa destas concepções se deu através da vasta atividade política, jornalística e literária de seus membros, além de eventos como a Questão Coimbrã (1865-66) e as Conferências Democráticas do Casino Lisbonense (1871), esta da qual o próprio Eça de Queiroz foi um dos conferencistasⁱⁱⁱ. Tais ações, observadas no início de suas atuações, possuíam como principal objetivo promover uma problematização pública da situação de Portugal ao final do século XIX, pensando-o à luz de novas teorias de interpretação social e científica, assim como das transformações observadas em outros países europeus.

Este questionamento sobre a situação de Portugal integrava um complexo processo de redemarcação da identidade e cultura portuguesa que se deu após a emancipação política do Brasil em 1822. A perda de sua principal colônia, grande marco no declínio do Império português, assim como a nova situação política com a instauração da monarquia liberal, conduziu muitos intelectuais a problematizar Portugal enquanto país, povo e cultura (PAREDES, 2012, p.157-158).

Pensada a partir desta problemática, a peculiaridade do texto de Eça de Queiroz reside na maneira como este empregou a figura do “brasileiro” em sua argumentação. O autor não apenas realizou a apresentação do personagem-tipo ou usou uma figura com tais características em sua narrativa. A elaboração textual de Eça envolve uma desconstrução da imagem do “brasileiro” a partir de um complexo jogo de sentidos sobre a expressão em questão, utilizando-a de forma singular em sua reflexão.

A constituição de um tipo intitulado “brasileiro” em Portugal durante o Oitocentos é um ponto basilar na reflexão sobre as relações culturais e definições identitárias que se seguiram à nova situação política em relação ao Brasil. Neste sentido, um texto sobre esta personagem-tipo em uma narrativa produzida sobre a viagem de um monarca brasileiro ao país, elaborado por um intelectual ligado à “geração de 70” e em meio à problematização sobre Portugal, é sintomático deste processo. Estas constatações acabaram por delinear as principais problemáticas que conduzem o presente trabalho.

Qual o objetivo de Eça de Queiroz ao problematizar esse personagem-tipo? Este escrito se inseriria em um questionamento mais amplo sobre a situação de Portugal ao final do século XIX? Porque dedicar 14 páginas desta edição voltada à passagem de D. Pedro II por Portugal a uma análise sobre o “brasileiro”? Estes são os questionamentos que o presente estudo tenta elucidar.

Apesar deste escrito já ter sido objeto de análises sobre Eça de Queiroz, a literatura portuguesa ou as relações culturais luso-brasileiras, seu potencial como eixo de reflexão para um estudo acerca da definição das identidades nacionais e demarcações culturais entre Portugal e Brasil por parte de uma intelectualidade portuguesa ao final do Oitocentos é pouco explorado. Mesmo nas análises nas quais tal ponte chega a ser estabelecida, os usos que Eça faz destas conexões culturais em um possível questionamento à sociedade portuguesa permanecem basicamente sem investigação. Da mesma forma, seu enquadramento na temática tratada em toda a edição de fevereiro de *As Farpas* praticamente não é abordado.

Desta maneira, a seguinte análise parte da hipótese de que o uso deste personagem-tipo neste texto específico de Eça de Queiroz está diretamente ligado à problematização sobre a sociedade portuguesa que se dava naquele momento, além de fazer uso das relações culturais luso-brasileiras, sintetizadas na figura do “brasileiro”, para a reflexão sobre Portugal. Tal processo, portanto, passa diretamente pelo desenvolvimento da demarcação identitária e cultural entre Portugal e Brasil no século XIX. Elucidar os usos do “brasileiro” neste escrito permite compreender algumas nuances do questionamento realizado por uma intelectualidade, especialmente a “geração de 70”, acerca de Portugal, assim como das definições culturais estabelecidas entre os dois países ao final dos Oitocentos.

Na medida em que acompanha a narrativa estabelecida por Eça neste documento, a análise a seguir tentará elucidar toda a argumentação estabelecida pelo autor. Em um primeiro momento, serão apresentadas, através do texto, algumas das características que comporiam essa personagem-tipo no imaginário social português, além de contrapor tais elementos aos traços que eram atribuídos pelos brasileiros natos ao imigrante português. No segundo segmento, se buscará compreender o jogo dos sentidos empregados com o uso da expressão “brasileiro”, os elementos utilizados por Eça de Queiroz na fundamentação de suas opiniões e, especialmente, como as relações estabelecidas entre Portugal e Brasil em sua obra são empregados no questionamento à sociedade portuguesa.

A caracterização do “brasileiro” como tipo português

Apesar do texto de Eça de Queiroz ser o principal segmento no que tange ao personagem-tipo em questão, ele não foi o único a citar o “brasileiro” na edição de fevereiro de *As Farpas*. Antes da seção final, Ramalho Ortigão destacou um brevíssimo trecho da obra para descrever suas características. Tal citação se deu em um momento onde o autor buscava estabelecer e apresentar ao Imperador do Brasil uma tipologia da sociedade portuguesa que o monarca encontrara durante sua passagem por Portugal. Dentre categorias que variavam de ocupações profissionais a comportamentos, o “brasileiro” emerge como tipo português:

O Brasileiro. Conhece por certo Vossa Majestade o brasileiro de Minas Gerais, o de Mato Grosso, o do Catete, o da Tijuca e o da rua do Ouvidor: este não é o nosso brasileiro. Há dias líamos no registro dos leitores de uma biblioteca o seguinte: Fulano de tal – profissão, brasileiro – naturalidade, Mesão Frio. Este, imperial senhor, é o nosso

brasileiro. Ele habita o Pedro Alexandrino e frequenta os banhos sulfúricos do doutor Lourenço, o Club Lisbonense e algumas boticas. Tem muito dinheiro, o que o não impede de ter várias moléstias. As orelhas dele são geralmente lívidas e separadas do cranco. Ainda acamarado com outros, e encontram-se sempre em turmas ou no passeio de S. Pedro de Alcântara, onde costumam sentar-se ou nas carruagens do caminho de ferro onde descalçam as botas, ou no Pedro Alexandrino onde vagueiam num silêncio misterioso embuçados nas suas capas. Perfeitamente respeitáveis pela sua iniciativa e pelo seu trabalho, constituem uma espécie de tribos, sem pátria que o adote, porque em Portugal chamam-lhe galegos. São esses que aí vão – de bengalas de unicórnio na mão e alfinetes de brilhantes no peito das camisas. (AS FARPAS, 1872, p. 22-23)

A breve explanação de Ramalho Ortigão é importante por demarcar o sentido da expressão “brasileiro” que serve de base para a presente análise, distinguindo o “torna-viagens” português do brasileiro nato. Se no caso dos súditos do Imperador esta terminologia estaria relacionada à naturalidade, para a sociedade portuguesa estaria ligada diretamente ao comportamento e a algumas peculiares características que o outrora emigrado demonstraria. A fim de caracterizar este tipo, Ramalho fez referências a locais do cotidiano português e indicou alguns comportamentos, elementos que permitem a intelecção de alguns dos seus principais traços no imaginário português. Dos elementos que mais se destacam, está a representação do “brasileiro” como um indivíduo possuidor de várias doenças e detentor de muito dinheiro.

O elemento mais significativo deste trecho, entretanto, é a afirmação de que os “brasileiros” portugueses constituiriam praticamente uma “tribo”, sendo indivíduos sem uma pátria. A constatação de Ramalho já aponta para a ideia de que o “torna-viagens”, ao voltar para Portugal, não seria visto por seus conterrâneos, e talvez nem se identificasse como um português, uma vez que este apresentaria características peculiares que o distinguiriam dos compatriotas.

É o texto de Eça de Queiroz, no entanto, que aborda amplamente a figura do “brasileiro”. Com 14 páginas, o escrito ocupa o segmento final da edição em questão, aparentemente divergindo da temática geral abordada no restante da obra. As considerações do autor se iniciaram com a constatação do papel de que tal personagem-tipo desempenharia no imaginário português:

Há longos anos o Brasileiro é entre nós o tipo de caricatura – mais francamente popular. Cada nação tem assim um personagem típico, criado para o riso público. As comédias, os romances, os desenhos, as canções espalham-no, popularizam-no, acentuam-no, aperfeiçoam-no, caracterizam-no, e ele fica assim um Judas infeliz de sábado de aleluia, que cada um rasga friamente com sua gargalhada e vara com a sua chacota (...) Nós temos o Brasileiro: grosso, trigueiro com tons de

chocolate, modo ricaço, arrastando um pouco os pés, burguês como um couve e tosco como uma acha, pescoço suado, colete com grilhão, chapéu sobre a nuca, guarda sol verde, a voz fina e adocicada, ar desconfiado e um vício secreto. É o brasileiro: ele é o pai achinelado e ciumento dos romances satíricos; é o gordalhufô amoroso das comédias salgadas é o figurão barrigudo e bestial dos desenhos facetos; é o maridão de tamancos traído – dos epigramas. (AS FARPAS, 1872, p.83-84)

O “brasileiro” foi apresentado por Eça como uma personagem construída como um objeto de riso para o português, integrando um processo que, segundo o autor, existiria em cada país com suas especificidades. O uso da expressão “caricatura” se refere exatamente à exacerbação de suas características com a finalidade de gerar o riso.

A construção de estereótipos sociais através de “caricaturas” ou sátiras se dá, independentemente de seus efeitos, como uma forma de uma coletividade conferir inteligibilidade a uma realidade externa através de uma impressão global sobre o “outro” (ZINK, 2011, p.47). Na situação específica analisada, integrava o complexo processo de reformulação identitária e cultural que se deu na conjuntura luso-brasileira após a nova situação política de ambos os países (PAREDES, 2013, p.105). O que se procedia no caso do “brasileiro” era a constituição, no seio da sociedade portuguesa, de um português que apresentaria alguns traços, em tese, peculiares que o diferenciariam do “português tradicional”. O que se constitui na caracterização deste tipo é a construção de um “outro” dentro da própria sociedade portuguesa, um indivíduo nascido em Portugal, mas cujas características adquiridas após a viagem o tornariam um estrangeiro em seu próprio país e motivo de riso por parte de seus conterrâneos.

Estas características geradoras do riso são adicionadas à constituição do tipo por Eça de Queiroz. O “brasileiro” seria costumeiramente representado como um indivíduo grosseiro e ignorante, facilmente enganado, ao qual se somariam outros traços:

Tudo o que se respeita no homem é escarnecido aqui no brasileiro; o trabalho tão santamente justo, lembra nele, com riso, a venda da tapioca numa baiuca de Pernambuco: o dinheiro tão humildemente servido, recorda nele, com gargalhadas, os botões de brilhantes nos coletes de pano amarelo; a pobreza tão justamente respeitada, nele é quase cômica e faz lembrar os tamancos com que embarcou a bordo do patacho Constancia e os fretes de café que carregou para as bandas da Tijuca; (...) Tudo o que é ou faz, tem uma cauda de gargalhada: se negocia, aparece como o dono de navio, personagem grotesco das comédias de feira. Se pertence à nobreza é suspeito de se chamar barão de Suriquitó ou conde de Ipátátá! (...) Se fala aquela estranha linguagem, que parece português – com açúcar, a hilariedade estorce-se. A celebridade dos seus calos enche o mundo. O seu pouco asseio faz desmaiar as viagens. (...) Enfim, a opinião, a cruel opinião, - tudo o que é mau gosto, grosseria, tosquice, obtusidade, pelo, ordinarismo,

- coloca-o como num índice no brasileiro. (AS FARPAS, 1872, p. 85-86)

Nas palavras de Eça, todas as características que poderiam ser atribuídas ao “brasileiro” parecem convergir para torná-lo objeto do riso, inclusive as que originalmente seriam consideradas como um elogio ou dignas de compaixão, como o empenho no trabalho e a pobreza. Estas informações dão conta de que o estereótipo construído se dava independentemente da condição financeira do “torna-viagens”, tenha ele enriquecido durante seu período no Brasil, ou conseguido retornar, mas com a mesma escassez de recursos com que partira^{iv}. Os traços fornecidos pelo autor apontam para a representação de um indivíduo sem asseio, grosseiro e ignorante, que se destacaria em seus trajés pelo exagero da ornamentação com brilhantes ou simplicidade de seus chinelos.

Um dos principais elementos que gerariam estranhamentos seria a incorporação de algumas especificidades da língua portuguesa falada no Brasil. As diferenças entre as expressões do idioma nos dois lados do Atlântico estavam diretamente envolvidas na discussão sobre a nacionalidade portuguesa e brasileira após a emancipação política, uma vez que a língua era considerada por alguns dos principais teóricos do século XIX como um dos fundamentos na definição do que seria uma “nação”. A menção dos nomes “Suriquitó” e “Ipatatá”, fazendo alusão à influência indígena na expressão idiomática brasileira, evidencia a crítica existente por parte da sociedade lusa sobre as alterações na língua portuguesa, cuja expressão por parte do “brasileiro” representava, para além do objeto de riso, uma clara demarcação dos limites culturais existentes entre a identidade portuguesa e sua ex-colônia.

A caracterização conferida por Eça de Queiroz e a ambiguidade da expressão “brasileiro” fez com que este texto fosse recebido de forma controversa no Brasil e deu margem a várias polêmicas. A descrição de Eça foi entendida por muitos como atribuída ao brasileiro nato e tomada como uma ofensa aos cidadãos do país. Além deste segmento, toda a sátira à viagem de D. Pedro II foi vista como desrespeitosa. Esta interpretação fez com que várias críticas fossem tecidas às *Farpas* e que casos de violência contra portugueses fossem observados, sendo os mais conhecidos em Pernambuco (REIS, 1986, p.186-209). Esta interpretação equivocada^v estava, entretanto, mais profundamente conectada ao mesmo processo de demarcação cultural, anteriormente citado, que se deu no Brasil após a emancipação política, cujas nuances levaram à construção de outro tipo em território brasílico.

É importante constatar, visando compreender o uso do “brasileiro” a partir da reflexão sobre as demarcações culturais luso-brasileiras nos Oitocentos, que muitas das características atribuídas ao personagem-tipo de Portugal se alinhavam aos traços envolvidos na construção do que seria um distinto estereótipo em outro território, mas que se trataria, na verdade, do mesmo indivíduo. Se o português que atravessava o Atlântico tornava-se, após seu retorno, um motivo de riso para seus compatriotas, este era um alvo de crítica também em terras brasileiras.

A independência política conduziu o Brasil a um processo de demarcação cultural análogo ao observado do outro lado do Atlântico, mas que visava e a definição dos elementos que constituiriam sua identidade enquanto nação, assim como a delimitação das diferenças existentes entre brasileiros e portugueses. Um dos resultados deste processo foi o crescimento de um antilusitanismo por parte de alguns segmentos da sociedade brasileira, que passaram a ver o português, especialmente o imigrante, de forma negativa e depreciativa. Muitas vezes, este era tomado como um “explorador” ou “ladrão de empregos” de brasileiros, assim como um indivíduo que teria uma imagem preconceituosa do país que o recebera.

Como um dos mecanismos desse afastamento, o cidadão português em solo brasileiro passou a ser ridicularizado. Dessa forma, o português acabou por ser estereotipado e foi constituído enquanto objeto de riso também no Brasil (LUSTOSA, TRICHES, 2011, p.253-258), sendo representado em várias obras literárias produzidas por autores brasileiros ao final dos Oitocentos (CESAR, 1969, p.138-146), tais como *O Mulato* (1881) e *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo.

Os aspectos ressaltados na construção da imagem do português no Brasil se alinham aos mesmos traços atribuídos ao “brasileiro” em Portugal. Dentre estas características, encontram-se a ignorância, a falta de asseio, o gosto por roupas extravagantes em suas cores, a gana pelo trabalho e o sotaque português, que soaria estranho aos ouvidos dos brasileiros natos (RIBEIRO, 2007, p.629-644). Portanto, no Brasil o imigrante era o português e, em Portugal, era o “brasileiro”. O que se infere desta aparente oposição é que as mesmas características que o português considerava serem adquiridas pelo viajante no Brasil eram, para o brasileiro nato, trazidas pelo português de Portugal. Tal indivíduo acabava se tornando, portanto, um estrangeiro nos dois países, um “outro” atrelado e, concomitantemente, às margens destas sociedades. Eça, no entanto, viria a argumentar em seu texto que as diferenças observadas pelos portugueses entre eles e esse tipo seriam bem menores do que se supunha.

O “brasileiro” como espelho para o português

Apesar de integrar uma obra satírica e de tratar de um tipo que era objeto de riso na sociedade portuguesa, o grande traço que define este texto e o torna um eixo para a reflexão pretendida é a constatação de que Eça de Queiroz não se limitou à apresentação do “brasileiro” e à sua caracterização de acordo com os elementos a ele atribuídos no imaginário social português.

Após tecer suas considerações iniciais, o autor passou a uma reflexão sobre a construção deste personagem-tipo e a uma teorização de suas possíveis aproximações com o português “tradicional”, colocando-o em choque com o próprio estereótipo que este construía (TUTIKIAN, 2009, p.137). A desconstrução do tipo voltado ao riso foi assim iniciada:

Pois bem! É uma torpe injustiça que seja assim. E nós os portugueses fazemos facciosamente mal e nos rirmos deles os brasileiros! – Por que enfim, eles vêm de nós! As suas qualidades tiveram o seu gérmen nas nossas qualidades. Somente neles alargaram, floresceram, cresceram, frutificaram: em nós estão latentes e tácitas. O Brasileiro é a expansão do Português. (AS FARPAS, 1872, p.87)

A afirmação de Eça de Queiroz para criticar o que seria um infundado riso sobre o construído personagem apontou para uma fundamental conexão entre tal tipo e os portugueses: o cômico estereótipo criado pela sociedade portuguesa seria, afinal, apenas um produto modificado dela própria. Todas as qualidades e, por conseguinte, os defeitos existentes no “brasileiro” já existiriam em todos os portugueses de forma “adormecida”, aguardando as condições ideais para se manifestar. A caricatura da qual os portugueses ririam nada mais seria do que uma expansão, um estágio de sua própria existência. As relações entre o português e o “brasileiro”, assim como a explicação para o desenvolvimento de suas características, ganharam a seguinte explanação de Eça:

Por que? Fácil explicação. Existe uma lei de retração e dilatação para os corpos – sob a influência da temperatura; aprende-se isto nos liceus quando vem o buço; os corpos ao calor dilatam, ao frio encolhem. A mesma lei para as plantas: ao sol a sua natureza alarga, floresce; ao frio da sombra a sua natureza encolhe, emurehece, estiola. A bananeira, nos nossos climas frios, é uma pequena árvore mirrada, hirta, tímida, estéril, encolhida: no calor do Brasil é a grande árvore triunfante de folhas palmares e reluzentes, tronco violento, seiva insolente, apoplética da vida, sonora de movimento, ridícula de bananas: o sol desabrochou-a (...). (AS FARPAS, 1872, p. 87)

Para a reflexão sobre as características presentes na constituição do “brasileiro”, o autor fez uso de alguns fundamentos teóricos relativos às ciências naturais na interpretação do comportamento social. A lei em questão envolveria a temperatura do ambiente na dilatação dos corpos e, no exemplo específico utilizado por Eça, na sua influência sobre os seres vivos. Para tanto, o autor utilizou o exemplo da bananeira, uma árvore típica de climas tropicais, que na Europa não teria as condições para seu crescimento, mas que em locais como o Brasil se desenvolveria plenamente. A explicação se estendeu para a moral dos indivíduos:

Mesma lei para as qualidades morais: o espanhol das Astúrias, modesto, humano, discreto e grave – passado para o sol do Equador nas Antilhas Espanholas, torna-se o espanhol violento, vaidoso, sanguinário, ruidoso e febril! – Pois bem: eis aí: O Brasil é Portugal – dilatado pelo calor. O que eles são expansivamente – nós somo-lo encolhidamente; as qualidades retraídas em nós, estão neles florescentes; nós somos modestamente ridículitos, eles são à larga ridiculões. Os nossos defeitos, sob o sol do Brasil, dilatam-se, expandam-se, espraíam-se! (...) Sob o sol do Brasil a bananeira abre-se em fruto e o português abre-se em brasileiro. Eis o formidável princípio, - O Brasileiro é o Português desabrochado. (AS FARPAS, 1872, p.88).

A utilização de explicações relacionando a moral e comportamento a aspectos materiais do meio em que o objeto analisado se encontrava, como o clima, estava relacionada diretamente aos desdobramentos do naturalismo na escrita literária em Portugal. Considerado como uma extensão do realismo nas artes e na literatura, a perspectiva naturalista tomava a sociedade como um “fenômeno” cuja interpretação poderia ser ajudada a partir da aplicação de leis relativas às ciências naturais na inteligência dos “condicionantes” que influenciariam suas relações (HOMEM, 2005, p.125-126), sendo por isso compreendida muitas vezes enquanto determinista. Claramente, Eça de Queiróz utiliza tal perspectiva neste texto mais como um recurso narrativo do que como uma concreta explanação sobre o comportamento social.

No entanto, se o clima influenciaria na modificação do comportamento do português “torna-viagem” nos anos em que permaneceria no Brasil, seguindo a linha argumentativa de Eça, tal aspecto não teria afetado também o português que colonizou a América portuguesa desde o início e, portanto, na constituição do brasileiro nato? Na problematização sobre os usos do “brasileiro” no questionamento á sociedade portuguesa, que conduz a presente análise, encontra-se aqui um elemento chave na compreensão sobre as demarcações culturais das identidades nacionais nos dois lados do Atlântico.

Eça de Queiroz se valeu do sentido inicial da terminologia “brasileiro” no imaginário português, enquanto torna-viagem, para abordar indiretamente o brasileiro nato e suas conexões com o português. A explanação dada não recairia, portanto, apenas sobre as características do português que atravessava o Atlântico e retornava a Portugal, mas sobre a própria relação existente entre Brasil e Portugal, cujas histórias estariam profundamente imbricadas através do processo de colonização. Tal perspectiva é corroborada a partir da ideia que o autor possuía acerca da imagem que se teria sobre “o brasileiro” e o português em outros países:

Lá fora não nos distinguem: acham-nos quase a mesma cor, o mesmo feitio, o mesmo tosco – mas quase: é que nos acham mais acanhado, mais apanhados sobre nós, mais concentrados. É como um ananás de estufa: é o arama, o sabor, a cor, a forma do ananaz – mas não tem a forte seiva, a viva florescência: em nós também, acha-se o Brasileiro sem a sua expansão, é o Brasileiro com as cores desbotadas. É que o Português é o Brasileiro de estufa! (AS FARPAS, 1872, p.88-89)

Em outras nações europeias, segundo Eça, as semelhanças entre as características existentes no “brasileiro” e no português fariam com que praticamente não fosse vista nenhuma distinção entre os dois. As únicas diferenças residiriam apenas no caráter mais comedido que existiria no cidadão de Portugal, uma vez que não sofrera as “influências do clima tropical” existente no Brasil. As características elencadas dentre as semelhanças, como “a mesma cor, o mesmo feitio,” e “o mesmo tosco”, trazem associações que apontam para um sentido de “brasileiro” que pode estar associado tanto ao “torna-viagens” quanto ao brasileiro nato.

O sentido ambíguo no uso da expressão que dá nome ao objeto analisado e a defesa de uma inerente semelhança existente entre o português e este “brasileiro” fortalece a ideia de que a concepção de Eça se insere em uma perspectiva convergente entre as interpretações acerca das relações entre as identidades portuguesa e brasileira. Logo, tanto o significado referente ao “torna-viagem” quanto ao natural do Brasil são empregados a fim de conduzir o português à observação dos defeitos que existiriam em sua própria sociedade e intrinsecamente em cada indivíduo.

Ao afirmar, por exemplo, que o português teria muitas características latentes em si, que se apresentariam de forma exacerbada nas atitudes do “brasileiro” devido às diferenças climáticas, Eça de Queiroz chamou a atenção para um dos principais pontos relacionados ao diagnóstico da decadência realizado pelos intelectuais da “geração de 70”: a inércia da população portuguesa. Contidos em seu comportamento, os portugueses não demonstrariam também características que seriam benéficas ao

desenvolvimento, como o gosto ávido pelo trabalho. As semelhanças entre defeitos e virtudes se fez presente em outros segmentos:

Mas enfim, uma coisa é verdadeira: é que tu, português, não vales mais que o brasileiro. O brasileiro não é belo como Apolo, antigo inquilino do céu, nem como Saint-Just, a mais formosa cabeça da Convenção – mas tu, ó português, tu também não és belo, e se a tua bem amada te o diz – é que não tem mais nada que dizer-te (...) Ora o brasileiro não é formoso, nem espirituoso, nem elegante, nem sábio, nem extraordinário – é um trabalhador; - e tu português que não és um formoso etc. – és um mandrião! De tal sorte que tu que ris do brasileiro – procuras viver à custa do brasileiro. De tal sorte que quando vês o brasileiro de frente estalas de riso – e se o visses de costas? Morrias de fome! E a prova é que tu – que em conversas entre amigos, no café, és inesgotável de facécia sobre o brasileiro, - és no jornal, no discurso ou no sermão, inexaurível de glorificações ao Brasil. Em conversa é o macaco; no jornal é a nação irmã! Ah portugueses! (...) E aí está porque nós queremos que se embainhe a chacota e que se descarregue a pilheira. Que o português veja no brasileiro o que ele é: um português que alargou ao sol. (AS FARPAS, 1872, p.94-95)

Nas considerações de Eça, o português estaria ainda abaixo do “brasileiro” tão criticado, uma vez que não apenas traria, mesmo que de forma contida, todos os seus defeitos, mas carregaria inúmeros outros que seriam expostos na forma ambígua com que se relacionaria com seu objeto de riso. O “brasileiro” seria criticado por ser excessivamente preocupado com seu trabalho, mas o português nada mais faria do que se usufruir de seus esforços, sem se preocupar em empenhar-se efetivamente na obtenção de seu próprio ganho. A referência a esta espécie de relação parasitária poderia se tratar tanto, em sentido estrito, de uma analogia ao “torna-viagens” bem sucedido, que ao retornar abriria negócios que beneficiariam o próprio português que o criticava, quanto ao viajante que obteria sucesso no Brasil através do serviço bruto e do dinheiro do brasileiro nato. Mais do que isso, no entanto, tal metáfora poderia se dirigir aos recursos direcionados à empreitada colonial, que fora apontada por alguns intelectuais da “geração de 70” como uma das causas do atraso de Portugal em relação a outros países europeus^{vi}.

O questionamento de Eça à moral da sociedade lusa prossegue na crítica do que seria uma hipocrisia por parte dos portugueses em relação ao “brasileiro”, utilizando o termo de forma ambígua em referência ao cidadão do Brasil. Em cerimônias oficiais, manifestações públicas e alguns periódicos, a outrora colônia e seus habitantes seriam tratados como “irmãos”, um país com profundos laços culturais, enquanto no cotidiano português seria objeto de riso e receberiam alcunhas pejorativas como “macacos”.

O último segmento do texto deixa ainda mais nítido o duplo sentido envolvendo o uso do termo “brasileiro” por Eça de Queiroz. Sua análise acerca deste tipo, assim como a edição de fevereiro de *As Farpas*, se encerra com uma mensagem aos indivíduos denominados sob esta expressão:

Brasileiros, se estas páginas risonhas forem levadas por um vento feliz às vossas chácaras, lede-as sem rancor, entre o ruído dos engenhos e o bocejar da sinhá. Nós queremos-vos delicadamente bem. Se a nossa pena ri em torno de vós – a nossa filosofia aplaude-vos. A França escarnece a suíça do inglês, mas admira-lhe o caráter e copia-lhe os jockeys. Nós sorrimo-nos dos vossos coletes, amamos o vosso trabalho e comemos os vossos doces. Vós tendes qualidades fortes, duradouras, boas para alicerce da vida! E depois vós daí-nos dinheiro! Vós proveis-nos de papagaios! São coisas que não se esquecem! Assim, brasileiros, sabeio-o – vós que tão amplamente, tão regiamente recebeis o ávido português explorador, sabeio-o – tendes nas Farpas uma sólida e ativa amizade! Um honrado shake-hands e DAE-nos notícias vossas! (AS FARPAS, 1872, p.95-96)

Com o exemplo da relação dupla que o francês teria com sua imagem acerca do inglês, o criticando mas, ao mesmo tempo, admirando-o e copiando, Eça apontou para a relação ambígua do português com o “brasileiro”. A analogia é realizada entre dois países distintos, ao contrário da relação intrínseca à sociedade portuguesa que se pressupunha sobre o sentido original do “torna-viagens”. Esta afirmação corrobora a noção de que o autor, na verdade, utilizou da ambiguidade do termo “brasileiro” em sua argumentação, ora utilizando-o como a conhecida figura do imaginário português, ora como o verdadeiro e natural brasileiro.

As aproximações entre os portugueses e “brasileiros”, assim como as alternâncias de sentidos desta expressão estabelecidas por Eça de Queiroz demonstram que, na prática, seu texto não destoava da temática abordada em todo o restante da edição. A passagem de D. Pedro II em Portugal representava, afinal, um encontro simbólico entre as duas nações politicamente separadas, mas culturalmente entrelaçadas.

O Imperador do Brasil representaria, em suma, a figura do “brasileiro” em seus vários sentidos. O monarca seria uma metáfora viva para o “torna-viagens”, na medida em que representaria a monarquia portuguesa que um dia fora para o Brasil e cuja ramificação, sendo também um Bragança como seu sobrinho D. Luís I, então governante português, agora retornara para Portugal. O próprio Imperador se constituiria no “português” que voltava e que, pelos seus comportamentos e hábitos, causaria o estranhamento dos portugueses (BRITO, 2013). A monarquia brasileira seria a expansão da monarquia portuguesa. Assim, a figura de D. Pedro II, personagem

principal da narrativa da obra na qual o texto sobre o “brasileiro” se inseria, se constituiria no ponto de encontro das conexões entre Portugal e Brasil.

Seguir o caminho trilhado por Eça de Queiroz em seu escrito, da exposição das características do “brasileiro” à sua desconstrução e contraposição à imagem do português, ajuda a elucidar parte do processo de questionamento realizado neste período específico pelos intelectuais da “geração de 70”. Tratava-se, na ação destes indivíduos, de conduzir a sociedade portuguesa a refletir sobre seus próprios problemas a fim de encontrar formas de superá-los. Neste caso específico, o caminho encontrado por Eça se deu a partir de um elemento do imaginário português que guardava profundas conexões com sua outrora colônia e evidenciava a delimitação das divisas identitárias entre ambos os países no século XIX. A ênfase nestas relações conduz às considerações finais desta análise.

Considerações Finais

Torna-se evidente a partir da apresentação e desconstrução realizada por Eça de Queiroz que a figura do “brasileiro” foi utilizada neste texto como um eixo para a reflexão sobre as possíveis conexões entre as identidades portuguesa e brasileira. Uma rápida visão sobre as características atribuídas ao personagem-tipo no imaginário português, assim como da visão sobre este mesmo viajante por parte da sociedade brasileira, mostra que o “brasileiro” acabava por se constituir como um “outro” em ambas as nações, tornando-se objeto de riso a partir de pontos muito semelhantes, mas pelos motivos distintos que envolviam o processo de demarcação cultural entre os dois países.

Ao desconstruir a composição deste estereótipo, no entanto, Eça de Queiroz acaba por tornar este personagem-tipo, que seria um “outro” em ambos os lados do Atlântico, em um meio termo entre Portugal e Brasil, entre o português e o brasileiro nato, o “entre-lugar” onde as conexões e diferenças entre ambas as culturas deveriam ser observadas.

É a partir desta aproximação, sintetizada na figura do “brasileiro”, que Eça de Queiroz mobilizou o conhecido estereótipo cultural na tentativa de gerar uma reflexão sobre o próprio povo português. Ao colocar tal personagem-tipo em pauta e se valer da ambiguidade de sentidos da expressão que o denominava, Eça de Queiroz tentou mostrar as próprias contradições existentes dentro da sociedade portuguesa e chamar a

atenção, através das representações atribuídas ao “outro”, para alguns vícios que existiriam em Portugal, sendo a ausência de uma auto-reflexão sobre a situação do país, talvez, o pior deles em sua concepção.

É este jogo de significados e a maneira como foi utilizado para uma reflexão sobre a sociedade portuguesa que justifica, por outro lado, a inserção deste segmento ao final de uma edição dedicada à passagem de D. Pedro II pela Europa e, especificamente, por Portugal. A ida do monarca ao país foi um evento limite, no qual se pôde observar o contato de elementos mobilizados no processo de demarcação cultural em ambos os países.

Desta forma, a utilização do “brasileiro” por parte de Eça de Queiroz é um claro exemplo de como a problematização realizada em Portugal naquele período, especialmente a partir da “geração de 70”, se dava não apenas por uma reflexão sobre as características intrínsecas à própria sociedade portuguesa, mas também a partir de um olhar sobre outras nações para além da Europa. Neste caso, o estereótipo em questão, tão difundido no imaginário social do país, foi um dos vários instrumentos empregados pelo autor no questionamento sobre Portugal enquanto nação, povo e cultura. O “brasileiro” tornando-se não apenas um tipo português, e sim o próprio português.

Referências

- AS FARPAS: *crônica mensal da política, das letras e dos costumes*. Lisboa: Tipografia Universal, fevereiro de 1872. Disponível em: <http://purl.pt/256/4/>. Acesso em: 01.04.2015.
- BRITO, Rômulo de Jesus Farias. *O cetro e a mala: as narrativas de Raphael Bordallo Pinheiro, Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão sobre a primeira viagem de D. Pedro II à Europa*. 2013. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.
- CALAFATE, Pedro. *Portugal como problema*. Vol. III: Século XIX, A Decadência. Lisboa: Fundação Luso-Americana/Público S.A, 2006.
- CÉSAR, Guilhermino. *O “brasileiro” na ficção portuguesa: o direito e o avesso de uma personagem-tipo*. Lisboa: Parceria A.M.Pereira Ltda, 1969.
- HOMEM, Amadeu Carvalho. *Do romantismo ao realismo*. Temas da cultura portuguesa (Século XIX). Porto: Fund. Eng. Antônio de Almeida, 2005.
- LUSTOSA, Isabel; TRICHES, Robertha Pedroso. O português da anedota. In: LUSTOSA, Isabel (org.). *Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. p.251-270.
- MACHADO, Igor José de Renó. O “brasileiro de torna viagens” e o lugar do Brasil em Portugal. *Revista Estudos Históricos*. Nº 35. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2005. p. 47-67.

- PAREDES, Marçal de Menezes. A assunção escalar da nação: historicidade e fronteiras culturais no percurso luso-brasileiro. IN: _____ (org.). *Portugal, Brasil, África: história, identidades e fronteiras*. São Leopoldo: Oikos, 2012. p.149-178.
- PAREDES, Marçal de Menezes. *Configurações luso-brasileiras: fronteiras culturais, demarcações da história e escalas identitárias (1870-1910)*. Saarbrucken: Novas Edições Acadêmicas, 2013.
- PIRES, Antônio Machado. *A ideia de decadência na geração de 70*. 2º Ed. Lisboa: Vega, 1992.
- REIS, João Carlos (Org.) *Polêmicas de Eça de Queiroz*. Vol. II (1867-1872). Lisboa: Europress/Instituto Português do Livro, 1986.
- RIBEIRO, Maria Aparecida. Construindo o Brasileiro: contornos do imigrante português no Brasil de 800. *Revista de História das Ideias*. Vol.28. Coimbra: 2007. p. 623-648.
- TUTIKIAN, Jane. A identidade pelo avesso. *Navegações: Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa*. Vol.2. N.2. Porto Alegre: EdIPUCRS, jul/dez. 2009. p. 136-140.
- ZINK, Rui. Da bondade dos estereótipos. In: LUSTOSA, Isabel (org.) *Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. p. 47-68.

NOTAS

ⁱ Como exemplos de obras portuguesas que trazem um “brasileiro” como personagem, encontram-se *O Esqueleto* (1865) e *Eusébio Macário* (1879), de Camilo Castelo Branco, *A Morgadinha dos Canaviais* (1868), de Júlio Dinis, *O Brasileiro Soares* (1886), de Luís de Magalhães e *A Ilustre Casa de Ramires* (1890), escrito por Eça de Queiroz, dentre outras.

ⁱⁱ A publicação iniciou sua circulação em maio de 1871, mas contou com a participação dos dois autores somente até outubro de 1872. Neste período, Eça de Queiroz foi nomeado para ocupar um cargo consular nas Antilhas Espanholas, partindo para Havana e deixando *As Farpas* a cargo de Ramalho Ortigão, que continuou como autor único até o fim de sua circulação, em 1883.

ⁱⁱⁱ Eça de Queiroz foi o preletor da conferência “A literatura nova ou o realismo como nova expressão de Arte”, ministrada em 12 de junho de 1871.

^{iv} Neste caso, o vocábulo mais usual para denominar o “torna-viagens” que voltara com pouco recursos era “brasileiro de mão furada”. (CESAR, 1969, 18-19).

^v Muito provavelmente em função das polêmicas envolvendo seu texto, Eça de Queiroz realizou uma ligeira reformulação em sua republicação, realizada na compilação “Uma campanha alegre de *As Farpas*”, obra de 1890 na qual o autor reuniu todos os textos escritos por ele na publicação. Eça iniciou seu escrito adicionando logo após o primeiro uso da palavra “Brasileiro” a explanação “não o brasileiro brásílico, nascido do Brasil – mas o português que emigrou para o Brasil e voltou rico do Brasil”.

^{vi} Como exemplo, o segundo discurso proferido por Antero de Quental nas Conferências do Cassino (27.05.1871) apontava o esforço na empreitada colonial como um dos três principais responsáveis pela decadência de Portugal, que teria investido grande parte dos seus recursos em um sistema que, segundo o autor, traria poucos benefícios, além de desviar o foco do desenvolvimento de um sistema industrial como o observado na Inglaterra.

Artigo recebido em: 26/04/2015. Aprovado em: 29/03/2016.